



A PERITAGEM FILATÉLICA

Claude Jamet

A sua responsabilidade é grande, tal como a de todos que pronunciam um veredicto com autoridade para tal. Muitas vezes receado, por vezes adulado e criticado, o perito deveria antes de mais ser admirado pelos seus conhecimentos fora do comum. Vejamos alguns aspectos muitas vezes pouco conhecidos de uma profissão simultaneamente ingrata e gratificante.

Quem nos garante que o magnífico “Ponte de Gard” que acabamos de adquirir não foi regomado? Tem a certeza que esta sobrecarga invertida não foi feita com a ajuda de uma banal fotocopiadora? E este 10 c de multa litografado (YT 1), cotado em 270 Euros, não será antes o seu irmão gémeo tipografado (YT 2) que vale quinze vezes menos? Quem pode desfazer as nossas dúvidas? O negociante ou o colecionador que nos pretende vendê-los? Somente se não tivermos qualquer dúvida a respeito da sua honestidade e das suas competências. Caso contrário será mais prudente consultar um perito.

OPINIÃO OU PERITAGEM?

Podemos coleccionar inteligentemente, informarmo-nos, devorar tudo o que foi escrito sobre um assunto até nos tornarmos um bom especialista. Até nos tornarmos uma autoridade na matéria. Mas não basta para nos tornarmos um perito. Podemos ser um comerciante experiente, vermos todos os meses milhares de selos a desfilar pelos nossos dedos, separá-los e olhá-los de perto, sem nunca nos tornarmos num perito. Colecionador ou profissional de alto nível temos direito a formar uma opinião e a emití-la. A peritagem é uma actividade totalmente diferente. Não se trata de dar a nossa opinião mas de nos pronunciarmos sobre uma realidade e empenhar a nossa responsabilidade mediante uma assinatura.

QUANDO?

Antes de nos deslocarmos a um país tropical todos achamos normal vacinarmo-nos contra o paludismo. Na filatelia as doenças endémicas são as artimanhas e a falsificação. Porque não nos protegemos no momento em que podem contaminar as nossas colecções, isto é, quando fazemos uma compra ou imediatamente depois? Para termos mais hipóteses de sermos reembolsados devemos actuar rapidamente.

Acontece que um vendedor coloque a sua assinatura sobre os selos que vende. Será que isso constitui uma garantia sancionada por uma cláusula especial nas condições de venda? É bom informar-se. Os selos podem ter sido já assinados. Se o nome é o de um perito conhecido nada impede de verificar junto do interessado se ele reconhece a assinatura como sua – pode ter sido falsificada! O mesmo para os selos vendidos junto com um certificado fotográfico. O perito que o emitiu pode confirmá-lo e ao mesmo tempo verificar se entretanto o selo não sofreu nenhum acidente ou foi modificado.

Por outro lado se o nome do pretendo perito é desconhecido, deve-se desconfiar. Pode ser apenas um argumento de venda tão falacioso quanto as histórias do género “*É um lote constituído durante dezenas de anos por funcionário dos Correios*” ou “*É uma colecção vendida pela viúva de um grande colecionador*” (argumentos que já ouvimos).

O QUE É UM PERITO?

O hábito não faz o monge; o título por si só não garante a competência. Podemos vangloriarmo-nos de sermos um perito, escrevê-lo em letras douradas nos nossos cartões de visita, colocar uma linda placa à porta do escritório ou um letreiro luminoso por cima da montra, nada o impede pois nada regulamenta o exercício da profissão de perito filatélico.

Um perito efectua peritagens, trabalhando por conta de outrem recebendo uma remuneração sem estar directamente implicado na transacção. A peritagem é uma profissão. Um perito pode ser consultado por particulares, negociantes, seguradoras, autoridades judiciais ou administrativas, para se pronunciar acerca da autenticidade de um documento. Nos meios filatélicos franceses dois nomes são sistematicamente citados: Jean-François Brun e Roger Calves. São peritos generalistas, a quem se recorre no caso de selos e cartas de todo o Mundo e de todas as épocas. Existem igualmente peritos junto aos tribunais. São profissionais que constam das listas de auxiliares da justiça. Um juiz de instrução pode apelar para eles tal como para qualquer outro perito. (...) Paradoxalmente nenhuma autoridade moral filatélica regulamenta a profissão.

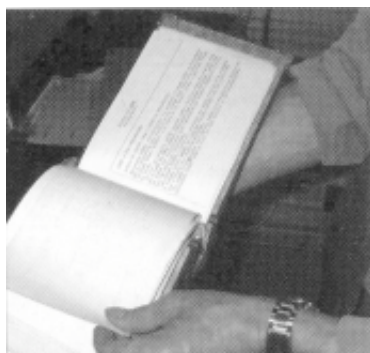
SÓLIDOS CONHECIMENTOS

Não se pode pretender ser um perito se não se dominam todas as subtilezas das técnicas de impressão. O que é um selo senão um pedaço de papel impresso? Como os selos

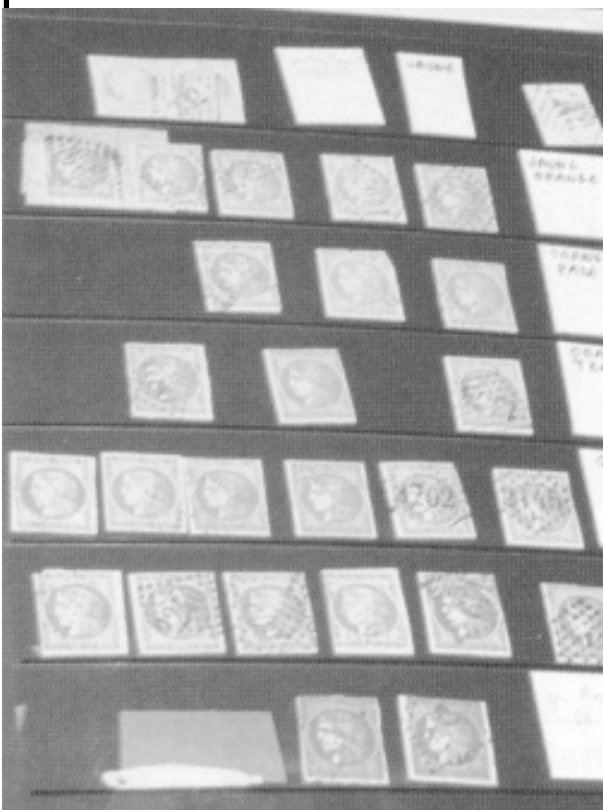


Uma caixa luminosa imaginada por Jean-François Brun. Um espelho a 45° reflecte a luz de uma lâmpada de halógeno e ilumina o selo pela parte inferior.

Utiliza filtros coloridos amovíveis. Ideal para por em evidência filigranas e reparações.



Um dos numerosos classificadores de notas de Jean-François Brun.



Mesmo em mau estado os selos continuam a ser preciosos para reconstituir as diferentes tiragens e suas pequenas diferenças (na figura o 40 C bordeaux).

falsos nem sempre são impressos pelos mesmos processos que os selos originais é necessário saber estabelecer as diferenças. Imaginemos um selo impresso por litografia. Se for presente a peritagem um exemplar impresso por tipografia é inútil ir mais longe, por exemplo, investigar se a data do carimbo é plausível: o selo é falso! Mas não é por o selo estar impresso por litografia que ele é necessariamente autêntico! O falsário pode muito bem utilizar a mesma técnica de impressão... Podemos apenas continuar o exame da peça passando a outros elementos.

O perito deve ser capaz de identificar as pequenas diferenças, conhecer perfeitamente a história do selo, as circunstâncias da sua emissão, as condições em que foi utilizado. Esta cultura adquire-se com a experiência e com um inextinguível desejo de aperfeiçoar os seus conhecimentos. Como auxiliar de memória o perito deve dispor de referências: selos autênticos a fim de estabelecer comparações, notas pessoais, fotografias, artigos e livros especializados, bem como correspondentes especializados nos domínios mais diversos que consultará a fim de obter informações complementares.

A peritagem é em si mesma uma técnica à parte. Um processo não formulado que implica uma série de pontos a verificar: a técnica de impressão, o papel, o denteado, a goma, o alinhamento dos traços... em resumo, dezenas de critérios que variam conforme o selo, o país, a época... Mas é ainda necessário espírito de análise, que permite comparar os elementos detectados com os seus conhecimentos e as suas referências, combinando-os com a sua própria experiência.

Quando o conjunto dos dados, triturados em todos os sentidos, gera uma sucessão de respostas positivas, o selo pode ser declarado como autêntico.

AS QUALIDADES REQUERIDAS PARA SER UM PERITO

“Acuidade visual e mental”, para Roger Calves, “humildade”, para Jean-Francois Brun. Estas qualidades não representam, evidentemente, senão uma das facetas do trabalho. Para além da cultura e da experiência o atributo que distingue um perito de um vulgar filatelista é, sem dúvida, um processo intelectual que lhe permite questionar os seus conhecimentos, não tomar uma evidência como uma verdade, querer explicar tudo e saber em que direcção deve orientar as suas pesquisas. O que não exclui uma parcela de intuição, também ela fruto de uma longa prática. Uma espécie de sexto sentido que actua quando a análise não deu um resultado conclusivo. E pode-se acrescentar uma integridade a toda a prova. A responsabilidade de um perito é tal que não admite qualquer compromisso.

A “ASSISTÊNCIA TÉCNICA”

A principal ferramenta de um perito são os seus olhos. Com uma lupa de ampliação variável (de x3 a x9), ele realiza o essencial das suas investigações. Uma lupa

binocular (ampliação 40) pode confirmar uma primeira análise: revela a estrutura do papel e os pigmentos das tintas. Uma lâmpada UV – mais potente que os modelos comerciais – revelará as charneiras que foram retiradas, algumas reparações escondidas, as tintas não conformes com as tintas originais. Do mesmo modo uma lâmpada de halogéneo orientável permitirá examinar o selo sob diferentes ângulos de incidência a fim de melhor detectar as reparações. Alguns produtos químicos para fazer aparecer os defeitos do papel, um odontómetro – fiável! – para controlar o denteado, uma régua graduada de precisão para medir um detalhe, completam a panóplia.

O aparecimento da imagem digital deu origem a novos exames. Actualmente é possível capturar com um scanner a imagem de dois selos e ampliá-la para depois comparar num écran certas medidas, verificar o alinhamento de traços e denteados.

Infelizmente a peritagem filatélica não é uma ciência. Para identificar um quadro atribuído a Rembrandt pode-se sempre retirar uma partícula da pintura, uma fibra da tela, e proceder a uma análise química, uma observação com microscópio electrónico, uma análise de carbono 14. Nada disto, evidentemente, é possível com um selo. É o homem que tem de examinar um pedaço de papel no qual se aplicou um pouco de tinta. O perito está para a filatelia como o médico generalista está para a nossa saúde. Um e outro dispõem de ferramentas científicas para exercerem a arte delicada do diagnóstico. Com a diferença que o perito não prescreve um tratamento: deve, pelo contrário, detectar e assinalar as reparações a que o selo foi submetido.

ETAPA 1: A IDENTIFICAÇÃO

Este 25 C Céres /YT 4) será autêntico? Sim. Só que não se trata do selo original (cotado em 7650 Euro) mas de uma reimpressão oficial (YT 4d) cotada em 450 Euro. Perante um 10 C Semeadora vermelho vivo podemos facilmente pensar que estamos perante um selo na tonalidade escarlate (YT 138c). Raramente é esse o caso. Antes de qualquer exame temos de estar seguros do selo que temos perante nós. Esta faceta da peritagem é em geral desconhecida e os peritos raramente são solicitados a confirmar uma tonalidade, verificar um denteado raro ou um processo de impressão. No entanto a sua opinião é insubstituível pois nenhum livro, nenhuma revista, pode reproduzir fielmente as cores originais ou as características dos processos de impressão. Somente depois de o “estado civil” de um selo estar claramente estabelecido é que a pesquisa de autenticidade pode iniciar-se.

A CHANCELA DE AUTENTICAÇÃO

Para o proprietário do selo o momento mais importante é aquele em que o perito coloca no verso do selo a sua assinatura. Cada profissional tem a sua forma de a colocar, em função do estado do selo. É importante conhecer este código que pode impedir uma indemnização ulterior. As-



Banco de fotografia para preparar os certificados de peritagem e para constituir uma fototeca de referências.



O melhor momento para o requerente: a assinatura do perito.

PERITAGEM OU AVALIAÇÃO ?

Confundem-se muitas vezes as duas actividades. No entanto são bem distintas embora por vezes sejam complementares. No primeiro caso trata-se de estabelecer a autenticidade; no segundo de apreciar o valor venal (comercial). Se a peritagem é tarefa para um perito, a estimativa depende do motivo: no caso de uma herança ou de um seguro, por exemplo, a arbitragem por um perito independente continua a ser a mais digna de crédito. Ele tem a liberdade para pedir conselho junto de comerciantes especializados com um melhor conhecimento do mercado para certas peças. Se, pelo contrário, se pede uma estimativa com a intenção de vender é prudente consultar vários profissionais, peritos ou negociantes. A opinião de um único não é fiável. Estamos perante uma lógica comercial. É necessário fazer actuar a lei da oferta e da procura, tendo em conta que o verdadeiro valor de uma colecção é o que propõem os compradores potenciais. A estimativa sem uma peritagem prévia não tem qualquer sentido. Como avaliar o preço de uma colecção se não se está seguro da sua autenticidade? E como fazer face a um espertalhão que argumentará que todos os vossos selos de valor são no mínimo duvidosos?

sim, quando um selo está assinado de forma a descrevê-lo como “autêntico mas em mau estado” deixa de ser possível submetê-lo a um “lifting”. Para selos valiosos um certificado de peritagem é preferível a uma simples assinatura. Ao incluir uma fotografia do selo e a descrição de todos os seus detalhes este último evita toda a confusão. Resta a questão dos falsos. Não seria preferível marcá-los como tal para que não possam enganar mais ninguém? O perito não tem poder para tal. Somente o proprietário pode decidir fazê-lo, e raros são os que o fazem. Talvez porque eles mantêm uma pequena dúvida bem compreensível: “*E se o perito se enganou?*”

MANTER-SE À MARGEM DOS INTERESSES

Numa transacção o vendedor e o comprador desejam que o selo seja autêntico. Um para receber o seu dinheiro; o outro para acrescentar o objecto de desejo à sua colecção. No entanto é necessária a prova. É aqui que intervém o perito. Não sendo parte interessada na venda ele pode, ao abrigo das paixões e dos interesses, decidir com toda a independência de espírito. É por esta razão que profissionais de reconhecida competência recorrem a ele. O que não o coloca ao abrigo de pressões: na melhor das hipóteses uma história de circunstância do estilo “*este selo não pode ser falso porque eu mesmo o comprei nos Correios em 1930*”; na pior tentativas de corrupção, excepcionalmente ameaças veladas! A única resposta continua a ser a integridade absoluta ou a recusa de proceder à peritagem. “*Só a realidade é que conta!*” diz Roger Calves. *Cabe-me a mim não escutar o que me dizem para me tentar influenciar*”. Quanto a Jean-François Brun é conhecido pela sua falta de complacência.

Em resumo, a peritagem não é uma actividade rentável no sentido de uma pessoa, em França, poder viver dela. Os peritos têm eles próprios uma actividade comercial. A sua probidade, e a sua reputação, impõem-lhes vender apenas selos conformes à descrição que deles fazem.

O CUSTO DA PERITAGEM

Uma vez que cada perito é independente os preços praticados são livres. É conveniente averiguar quais são os preços antes de submeter os selos à peritagem. A regra geral é que se deve esperar um montante fixo de cerca de cinco Euro por selo, ou um total de uma trintena de Euro para uma peritagem envolvendo vários selos. A isto deve adicionar-se os honorários de 3% sobre o valor estimado para o selo. Os selos falsos não dão, portanto, lugar a um acréscimo. É esta a lógica do sistema: uma peritagem só é cara se os selos são de grande valor. Em todo o caso a peritagem vale a pena. A passagem de um certificado fotográfico representa um suplemento de cerca de trinta Euro. Em situações especiais o perito pode ser obrigado a realizar importantes pesquisas que irá facturar, com a condição de ter o acordo prévio do cliente.

A PERMANENTE CORRIDA ENTRE OS FALSÁRIOS E OS PERITOS.

Sem doenças os médicos estariam no desemprego. Sabemos, ai de nós, que a ciência nunca irradiará todas as doenças. Mas, sem médicos, seriam as doenças que nos irradiariam. O mesmo se passa na luta entre os peritos e os falsários. Em geral pensa-se que os primeiros têm algum avanço sobre os segundos: nada é menos certo. Os progressos das técnicas de reprodução tornaram mais fáceis as contrafacções, mas não melhoraram a sua qualidade. Com uma boa fotocopiadora a cores, um scanner e uma impressora, qualquer um produzirá uma sobrecarga falsa, uma dupla impressão ou uma variedade que talvez possam enganar a maioria dos colecionadores mas que não enganarão nenhum perito nem nenhum negociante digno desse nome. Os falsários seguem as modas para melhor escoarem a sua mercadoria. Desde há alguns anos têm-se dedicado a peças com forte procura, tal como as variedades e as cartas, obrigando os peritos a alargarem a sua vigilância e o campo das suas competências. Mas os falsos de hoje não são mais enganadores que os falsos de ontem. Pelo contrário. É mais difícil encontrar um impressor que domine as técnicas da tipografia e da litografia à moda antiga do que era há quarenta anos. Os processos modernos simplesmente diminuíram os custos de fabrico. Com duas consequências: os falsários produzem mais e dedicam-se a selos de pouco valor. Os que crêem não ter nenhum selo falso na sua colecção pela simples razão de não possuírem nenhuma raridade fariam bem em olhar atentamente para os seus selos ...

AS RELAÇÕES COM OS CLIENTES

É relativamente fácil provar que um selo é falso: menos fácil é provar que ele é verdadeiro. A partir do momento que se encontrou uma discrepância *a missa está terminada*. Mas enquanto não se encontra a investigação continua. Ora quando se consulta um perito é com a esperança não dissimulada que ele emitirá um diagnóstico positivo. “*Quando eu declaro que um selo é falso muitas vezes perguntam-me se tenho a certeza*, deplora Jean-François Brun, *nunca quando eu declaro que o selo é autêntico*”.

Tem-se dificuldade em acreditar que um perito possa adquirir a certeza de que um selo é falso numa fracção de segundo. Mesmo quando ele expõe os motivos da sua decisão há a tendência para recusar uma realidade desagradável, e isso tanto mais quanto o detalhe redibitório é pouco visível ou incompreensível. Inquirido acerca de uma carta de Janeiro de 1849 que ele tinha declarado ter sido fabricada a partir de um selo autêntico e de uma obliteração falsa, um perito desenvencilhou-se facilmente apontando para o endereço “boulevard Magenta, à Paris” que era impossível uma vez que a batalha em questão foi travada em 1859. Mas os falsários nem sempre cometem tais anacronismos... Como demonstrar, aos neófitos que todos nós somos, que a tinta não é idêntica à utilizada há um século

e meio? Não só o perito é um destruidor de sonhos mas ainda por cima é-lhe difícil explicar o seu veredicto frustrante. É por isso que ele é mal amado. Recusando a evidência alguns colecionadores irão consultar outros peritos, até encontrarem um que declare o seu selo autêntico e o assinem. Os falsários ainda têm bons tempos à sua frente.

RISCOS E RESPONSABILIDADE

Tal como os médicos os peritos tem uma obrigação de meios e não de resultados. Dito de outro modo, a sua responsabilidade não pode ser exigida a menos que eles não tenham recorrido a todos os meios à sua disposição para chegar à verdade. É por essa razão que nos seus contratos alguns não comprometem a sua responsabilidade a não ser na medida dos honorários cobrados. Desde há alguns anos, no domínio da arte, a imposição de resultado tende a ser a regra. É certo que as somas envolvidas não têm comparação com as que surgem em filatelia...

Após a Lei de 10 de Julho de 2000, regulamentando a venda voluntária em leilões públicos, a responsabilidade dos peritos passou de trinta anos para dez anos. Em contrapartida, são solidariamente responsáveis com os organizadores dos leilões e têm de subscrever um seguro garantindo a sua responsabilidade civil profissional. Esta cobre os danos causados a terceiros pelos erros, faltas ou negligências cometidas no exercício das suas funções.

À questão: “*O que é um bom perito?*” Jean-François Brun responde: “*Aquele que se engana um pouco menos que os outros*”. Sem dúvida que é esta a melhor garantia.

COMO TORNAR-SE UM PERITO

É mais fácil dizer-lo que fazê-lo. Podemos bater durante vinte nos numa bola de golfe sem nunca atingir a técnica correcta, o gesto perfeito. Quanto a tornar-se um Severiano Ballesteros ou um Greg Norman, nem vale a pena pensar nisso. A primeira coisa a fazer é frequentar cursos, treinar-se durante horas, dias e meses, retornar aos cursos e treinar-se novamente. Tal como no caso de um pianista, de um cirurgião, de um piloto de caça, de um perito em automóveis. O problema é que não existem escolas de filatelia. Os dois peritos actuais saíram da mesma escola, a do avô Brun. Uma formação à moda antiga, com base numa longa aprendizagem tutorada.

Para seguir as suas pisadas seria necessário começar por ser negociante – uma sólida experiência em selos constitui uma base indispensável – em seguida frequentar cursos para adquirir os conhecimentos técnicos e os conhecimentos de um perito generalista. Quem geriria uma tal escola? Segundo toda a lógica a Câmara Sindical dos Negociantes e Peritos Filatélicos. E seria necessário encontrar financiamentos, estabelecer *curricula*, e elaborar um controlo de competências. Pouco realista no estado actual: a profissão é ferozmente individualista. Em alternativa negociantes e colecionadores adquirem competências suficientes num domínio restrito. Quanto ao perito

Para ler:

Jean-François Brun, “Faux et Truqués”, éditions Brun et Fils, 1989

Uma excelente iniciação à peritagem. Suficientemente técnica para permitir compreender alguns pormenores da profissão, sem ser isotérica.

Para visitar:

www.aiep.net

- o site da Associação Internacional dos Peritos Filatélicos www.cnep.fr

- o site da a Câmara Sindical dos Negociantes e Peritos Filatélicos

DOIS PERITOS, DOIS MÉTODOS DE TRABALHO



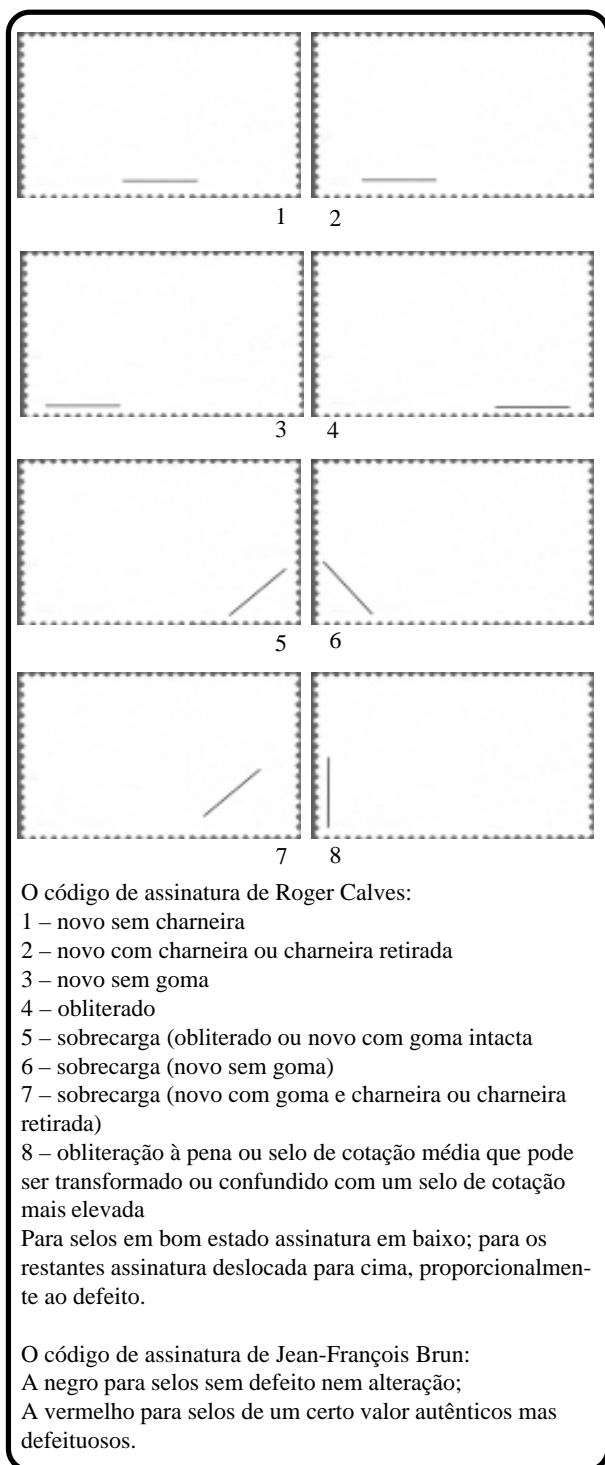
Jean-François Brun em plena peritagem. A lupa luminosa, com uma grande objectiva, é um modelo alemão dos anos 1940. Uma qualidade óptica inigualável.

Exame com lupa binocular, por Roger Calves. As objectivas, que lhe permitem um grande campo de visão, são protótipos obtidos por acaso.



Formados ambos na escola de Aimé Brun, grande perito dos anos 1920 a 1960, Roger Calves e Jean-François Brun exercem desde há quarenta e sete e trinta e três anos. Octogenário de espírito sempre vivo Roger Calves dispõe de uma memória fenomenal que lhe permite fazer a peritagem imediata de quase tudo o que lhe apresentam. É membro da Câmara Sindical dos Negociantes e Peritos Filatélicos. A sua rapidez e a sua capacidade de trabalho são tão legendárias quanto os seus talentos de dançarino.

Mais “técnico” Jean-François Brun utiliza uma abundante documentação reunida por seu avô e que ele completa sem cessar: selos, uma biblioteca, mas também numerosas notas e fotografias de peritagens anteriores. Membro da Associação Internacional de Peritos Filatélicos este grande amador da fotografia é autor de vários artigos e livros sobre o fabrico de selos e a peritagem.



generalista parece votado a desaparecer.

REGULAMENTAR A PROFISSÃO?

Que perito devemos consultar? Como as revistas não se dedicam a estudos comparativos dos profissionais, não nos é possível responder a esta questão. Nem é esse o nosso papel. Uma vez que a profissão não está regulamentada, sendo os peritos profissionais independentes, somente as

estruturas oficiais, com aptidão para julgar competências e a moralidade, poderiam arriscar-se a emitir uma opinião. A nível mundial existe a Associação Internacional de Peritos Filatélicos (AIEP) que reúne profissionais reconhecidos na sua especialidade. Em França a Câmara Sindical dos Negociantes e Peritos Filatélicos é mais “ecuménica” uma vez que não distingue entre uns e outros e não regula o título de perito filatélico.

O PODER DO PERITO

O seu julgamento acarreta tais consequências que poderíamos crer que são detentores de um poder exorbitante. É verdade durante o período em que ele examina o selo. Ninguém se lembraria de o contrariar. Se a sua decisão é positiva ficamos satisfeitos. É negativa? Sem dúvida que o perito não fez o seu trabalho como devia. Quantas vezes os peritos não declararam ser falsas peças que voltam a encontrar em vendas e em exposições? Na realidade o poder de que os peritos dispõem é o que os colecionadores e os negociantes lhes querem dar.

O PERITO POR SI SÓ NÃO TEM PODER PARA NADA

Com a modernização dos meios de reprodução e de regomagem as falsificações multiplicam-se. Ao mesmo tempo os pedidos de peritagem são menos numerosos que há vinte anos. Não é preciso ser-se faquir para adivinhar que a filatelia está em perigo. Alguns profissionais submetem sistematicamente a peritagem todas as peças raras que lhes são confiadas para venda. Outros esperam por uma reclamação de um comprador para o reembolsar. O futuro de uma filatelia honesta está entre estes dois comportamentos. De um lado o rigor; do outro uma irresponsabilidade culpada que roça pela indelicadeza. Dizer “*eu não sabia*” não é uma desculpa, sobretudo se é utilizada desde há decénios e se regularmente se vêem passar falsificações.

Alguns colecionadores são também culpados quando preferem deixar-se embalar por doces ilusões em vez de enfrentar a realidade. Como aquele que chegado ao crepúsculo da sua vida se decide enfim a consultar um perito para fazer avaliar o que os seus filhos irão herdar. Durante quarenta anos de filatelia nunca foi económico nas suas compras. Reuniu assim uma colecção estimada em 30000 Euro se as peças mais importantes não tivessem revelado ser todas falsas. E, para justificar uma tal inconsciência, o desgraçado argumentou que a peritagem custava dinheiro... Quando os apaixonados que nós somos rejubilam com a mais pequena promessa, quando os colecionadores endinheirados se gabam apenas do montante dos cheques que assinam, quando os clubes aceitam cadernos sem verificar seriamente o seu conteúdo, nós estendemos o tapete vermelho aos escroques. Com um pouco mais de rigor o seu tráfico seria menos florescente.

SOLUÇÃO?

Actualmente existe apenas um filtro operacional: a Co-

missão de Luta Contra as Falsificações da Federação Internacional de Filatelia, que persegue as falsificações nas exposições internacionais. Grandes colecções podem ser desclassificadas por negligência do seu proprietário. No entanto esta sanção surge muito tarde e apenas atinge um pequeno número de peças fabricadas desonestamente. Para sanear a filatelia e proteger os coleccionadores a Federação Francesa de Filatelia anunciou desejar por em prática o mesmo sistema nas exposições nacionais. Isso seria realmente um imenso progresso, o equivalente ao controlo anti-doping no desporto. A prazo seria desejável descer ao nível regional e distrital.

A Federação não é a única com poderes para agir. É necessário sensibilizar os coleccionadores isolados. A Associação para o Desenvolvimento da Filatelia parece fadada para contribuir para tal. A Academia de Filatelia, que representa uma autoridade moral, sem dúvida que tem um papel a desempenhar, enquanto que a Câmara Sindical dos Negociantes e Peritos Filatélicos poderia tratar dos litígios comerciais. Comissões de peritos funcionam no seio destas duas estruturas. Estão adormecidas por falta de solicitações. O que é o sinal de que a solução está nas mãos dos coleccionadores.

(Reproduzido, com autorização do editor, de "L'expertise en question(s)", *L'Echo de la Timbrologie*, nº 1753, Junho 2002)

SÉRGIO W DE SOUSA SIMÕES



Escritório e Loja Filatélica
Te. 262831248 - Fax. 262843293
Rua Dr. Artur Figueiroa Rego, 25
2500-300 CALDAS DA RAINHA

Encontram-se em distribuição gratuita, os seguintes preçários:

- Nº 53 - Portugal - 1853/1952
 - Nº 54 - Europa do Oeste (Alemanha a Grécia)
 - Nº 55 - Europa Ocidental - 2ª parte com Mónaco e Nações Unidas.
 - Nº 57 - Ex-Colónias Portuguesas (inclui Macau)
- TEMÁTICOS - Solicite o envio do tema que coleciona.

SERGIO W. DE SOUSA SIMÕES - FILATELIA
1952-2002
50 Anos de Filatelia

site: <http://www.filsergiosimoes.com>
e-mail : filsergiosimoes@mail.telepac.pt

收藏 澳門郵票

**COLECCIONE
SELOS DE MACAU
COLLECT MACAO'S STAMPS**

澳門特別行政區政府
Governo da Região Administrativa Especial de Macau

郵政局
Direcção dos Serviços de Correios

集郵處
Divisão de Filatelia
澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

Tel: (853) 574491
Fax: (853) 598903, 338603
Email: macpost@macau.ctm.net